

# CORPOÉTICAS E CORPOLÍTICAS: INTERPELAÇÕES QUE ATIVAM CORPOS COLETIVOS

Laura Jimena Silva Lurduy<sup>1</sup>  
Universidad Nacional de Colombia

RESUMO | ABSTRACT

O objetivo deste texto é destacar a importância de uma proposta metodológica participativa e criativa da corporeidade e das narrativas do corpo a partir dos feminismos para promover e fortalecer processos sociais e coletivos de mulheres baseados no *reconhecimento do corpo* em nossos países de América Latina, especialmente, desde o caso de Colômbia. Dessa forma, busca contribuir para potencializar os diálogos entre a práxis poética-política a partir de uma perspectiva interdisciplinar, colocando no centro dos processos pessoais e plurais as artes corporais que levam corpos políticos no movimento e revelam contribuições importantes para os estudos artísticos, sociais e feministas.

**Palavras-chave:** Corpo, dramaturgias feministas do corpo, América Latina, práxis poéticas, corpolíticas.

This text contains the purpose of highlighting the importance of a creative participatory methodological proposal of corporalities and narratives of the body from feminisms to enhance and strengthen social processes based on the recognition of the body in our Latin American countries. In this way, it seeks to contribute to dialogues between poetic-politic praxis from an interdisciplinary perspective, placing the corporal arts at the center of personal and plural processes that lead to the deployment of political bodies in the movement and reveal important contributions to artistic, social and feminist studies.

**Keywords:** Body, feminist body dramaturgies, Latin America, poetic praxis, body

*"O corpo tem a capacidade de sentir, de se mover e de pensar, contém todas as nossas energias, é o instrumento com que tocamos a vida. Ao longo da história, o corpo foi e é o lugar político de preferência" (Margarita Pisano, p. 21, Un cierto desparpajo)*

## Introdução

Este trabalho tem como objetivo ampliar a importância dos estudos do

<sup>1</sup> Socióloga, pesquisadora e apaixonada pelo movimento numa perspectiva transdisciplinar com processos coletivos de mulheres. Especialista em estudos feministas e de gênero pela Universidade Nacional da Colômbia. Atriz e performer-criadora em videodança, performance e peças teatrais independentes. Realizou o projeto de pesquisa em sociologia denominado: "Do corpo poético ao corpo político" no qual obteve menção honrosa. Atualmente, atua em seu projeto pessoal "Corpolíticas: interpelações feministas que ativam corpos coletivos", uma proposta artística e comunitária que busca recuperar material autobiográfico com mulheres de diferentes idades a partir de uma perspectiva feminista.

corpo e sua ação política e situá-lo a partir de uma perspectiva para a criação de processos pessoais e coletivos na busca dos encontros coletivos entre mulheres. Faz parte de um projeto realizado em estudos em sociologia e de especialização em estudos feministas e de gênero, cujo processo possibilitou destacar a importância do corpo como enunciação de acontecimentos, arquivos e memórias pessoais e plurais e a importância das práticas corporais nos processos organizativos de coletividades *Red Rojo y Violeta y Surcos en la piel*, de Bogotá, Colômbia com incidência social e política de liderzgos. O processo está se realizando desde fevereiro do presente ano, com intenção de conclusão ao final do ano. Nessa perspectiva, proponho que os estudos do corpo sejam um tema relevante para a análise de problemas atuais das ciências sociais de forma transversal e interdisciplinar, de modo que o artigo destaca os modos de pesquisa em diversas reflexões na sociologia, a ciência política em convergência com as artes, especificamente com as artes do corpo, levando em conta que, desde meados do século XX, o trabalho artístico relacionado ao corpo vem sendo realizado em conjuntura com os processos sociais, históricos e políticos da Colômbia e América Latina, e, os feminismos contribuíram significativamente. A partir de uma abordagem de pesquisa interdisciplinar, defende a necessidade de investigar a dimensão política dos corpos produtores a partir das artes ampliadas que englobam técnicas e ferramentas em teatro, a dança e a performance em nossos países.

Com base no exposto, apresentam-se algumas abordagens teóricas, metodológicas (qualitativas) e analíticas que se aprofundam em produtos sociais e simbólicos à luz das manifestações do corpo como prática, experiência e envolvimento político. Nesse sentido, a partir dos achados das pesquisas realizadas, e dos meus interesses como pesquisadora do corpo e em minha trajetória, a questão de como relacionar esses resultados aos processos das mulheres artistas tem se entrelaçado continuamente. Da mesma forma, a partir da minha experiência profissional com coletivos de mulheres, venho identificando a importância de desenhar e construir metodologias baseadas no reconhecimento do corpo e como suas infinitas possibilidades de movimento são uma valiosa ponte de exploração, memória e reconhecimento individual-coletivo para as mulheres no seus processos organizativos em convergência com o movimento de mulheres local e de América Latina.

Com base no exposto, esta pesquisa surge especificamente também do meu interesse em relacionar os processos acadêmicos com a importância de reconhecer a centralidade do corpo e suas expressões do movimento de transformação a partir de uma perspectiva feminista. Embora *o giro corporal e afetivo impulsado pôr* as ciências sociais tenha se preocupado com sua relevância, do meu ponto de vista, ainda há falta de reconhecimento da corporalidade

no fazer, falta de conhecimento e ausência de práticas de corporeidade em<sup>2</sup> processos conceituais, de pesquisa, de interesse acadêmico e em experiências profissionais que busquem fortalecer os processos e lideranças coletivas das mulheres.

As dramaturgias corporais feministas acolhem histórias de vida: biografias-círculos da palavra, gestos, histórias compartilhadas entre elas ou diversas experiências contadas e alguns fatores que não permitiram que as mulheres desenvolvessem seu projeto de vida ou por fatores diferenciais de cuidado, trabalho comunitário, entre outros. A partir disso, busco gerar uma proposta de estratégias corporais de como elas possam articular, conhecer e fortalecer seus processos de ativismo em conjunção com ferramentas artísticas desde o corpo encaminhadas aos artivismos. Uma vez que, a partir do reconhecimento da relação biográfica e de sua relação coletiva, foi possível encontrar os pontos de fortalecimento dos processos e o que pode construir um projeto político que tem muito a dizer como movimento social de mulheres. As metodologias possibilitaram agrupar interesses pessoais e femininos, seus projetos, o que as une e as vincula para seu projeto comum a partir dos diversos territórios que representam. A partir daí, identifiquei a necessidade de espaços coletivos para o desenvolvimento do corpo como ferramenta de fortalecimento da coletividade na medida em que serve como forma de agência, mudanças e decisões para projetos comuns.

Com base nisso, este *projeto se posiciona como um acompanhamento* que atualmente busca propor uma reflexão sobre a *concepção mobilizadora*, acompanhando e promovendo narrativas do corpo que desenham possibilidades feministas para cada vez mais mulheres a partir de uma perspectiva decolonial. Essa compreensão possibilita borrar a relação objeto-sujeito entre o ambiente e as pessoas envolvidas, o que segundo Ochy Curiel (2014)

Uma das características da colonialidade do conhecimento é assumir que a alteridade e a diferença colonial são, em geral, objetos de pesquisa: mulheres, negros, pobres, indígenas, migrantes, do Terceiro Mundo, como se a pesquisa feminista só pudesse ser feita assumindo-os como matéria-prima. O lugar de privilégio de quem constrói o conhecimento sobre o outro parece inquestionável (Curiel, p.55).

Por isso, para dissolver essa separação entre pessoas que realizam pesquisa e "outras pessoas", propõe-se levar em conta linguagens expressivas com corporalidades e expressões não verbais, e não apenas linguagens técnicas

---

<sup>2</sup> Corporeidade: prática corporificada, surge da fenomenologia e das contribuições do ramo da psicologia da cognição e antropologia com Thomas Csordas e que Bourdieu retomará com a noção de Habitus, diante do corpo em sua significação social.

ou posições logotécnicas centristas que abordam questões pessoais e coletivas sensíveis a partir da palavra e da textual como única forma possível de encontrar pontes para um "nós".

Com base nisso, considero que há um potencial no trabalho corporal na teoria social como um desafio epistemológico e metodológico feminista, que segundo Alexandra Zuluaga (2011) busca apostar em "uma ordem epistemológica que ofereça alternativas para compreender o corpo como um lugar existencial da vida, que dê conta também dos conhecimentos que dele surgem, da história vivida, no exercício de tentar compreender através dela, mas não explicar, as relações, os contextos, as histórias e a própria sociedade" (Zuluaga, p, 7). Então:

Pensar o corpo nessa dinâmica sugere assumir as consequências de definir a existência humana como uma condição corpórea e, com ela, dar origem a um processo que significaria também acessar epistemologicamente o princípio de que o corpo é ação. Essa posição sugere deixar de lado as formas tradicionais de conhecimento, para além do referencial dualista positivista-místico e, ao contrário, confrontar essa dualidade ao ligar corpo e emoções (Zuluaga, p. 7).

Com base no exposto, proponho-me neste trabalho a partir de um projeto de intervenção para chamá-lo *de um processo de acompanhamento por - junto com - e para as mulheres*, colocando em diálogo as necessidades e a importância do movimento corporal para fortalecer afetos e coletividade no reconhecimento e agência no exercício da ação coletiva. Para tanto, propõem-se os seguintes objetivos e pilares da teoria da análise.

### **Objetivo geral**

Construir uma ferramenta prático-participativa-criativa que reúna práticas artístico-corporais (cartografias **corpólicas** feministas) promovendo o fortalecimento da ação coletiva e sociopolítica em coletivos feministas na América Latina, a partir do caso de dois grupos de mulheres em Bogotá.

### **Corpo como categoria política:**

- **Corpo e Estudos Sociais**

O estudo do corpo nas ciências sociais humanas e nos feminismos é central, embora tenha tido maior reconhecimento a partir de algumas décadas atrás, deve-se notar que muitos autores de teorias clássicas o mencionaram em suas teorias sociais, alguns lhe deram um desenvolvimento aprofundado,

e outros fizeram estudos complementares dos fenômenos sociais. Tudo isso a partir de diferentes perspectivas e correntes. Em particular, algumas perspectivas teóricas da ação social e do interacionismo simbólico mostram convergências das relações corporais em torno do político.

Ora, embora as reflexões filosóficas tenham sido as que contribuíram diretamente para o reconhecimento dos estudos do corpo, há outros campos em que ela é abordada:

Somente nas últimas décadas o poder explicativo do corpo e as questões a ele associadas se intensificaram, para produzir avanços na teoria social que reconheçam vigorosamente o caráter corpóreo da vida humana e seu peso político e social. A noção de biopoder de Foucault ampliada por Agnès Helles, Giorgio Agamben ou Toni Negri, bem como a teoria da prática de Bourdieu, a teoria da estruturação social de Giddens, a teoria da psicogênese social de Norbert Elias ou as teorias da modernidade reflexiva de Scott Lash ou Ulrich Beck, abordagens da pós-modernidade e, sem dúvida, as teorias feminista e de gênero convergem uma vez ou outra no esforço de compreender e analisar o caráter do corpo e produzir uma crítica de seu significado prático, político e simbólico (Pedraza, p. 35).

Nesse sentido, faz-se necessário mencionar vários autores que trabalham com a sociologia do corpo retomando as bases da fenomenologia, como é o caso do sociólogo David Le Breton que apresentou em seus livros *Sociologia do Corpo* (2002), *Antropologia do Corpo* (1995) e *Corpo Sensível* (2011), uma investigação detalhada da arquitetura histórica, teórica e metodológica do corpo e sua relação com as artes. em particular com a dança, o teatro e a vida cotidiana. Conceituando-o como um fenômeno social e cultural no qual convergem representações, imaginários, cotidianos, compreensões do mundo, experiências, histórias, imaginação e criação. Agora, com as contribuições de várias feministas, promoveu-se o estudo do corpo como lugar de enunciação política, criação, interpelação e ação criativa das mulheres. Entendendo o corpo, como aponta Icaza Garza (2019), da seguinte forma:

O corpo é constituído por multiplicidades e singularidades conectadas, que compõem estratégias de reapropriação e de combate à discriminação (...) O corpo torna-se, assim, um território de poder. Se, por um lado, adquire voz e reivindicação política e fornece um espaço físico e um suporte real para denunciar a misoginia, os abusos das ditaduras militares, a violência de gênero e o feminicídio (Segato 2014), por outro, esse mesmo corpo fica dramaticamente exposto à exploração do capital, ao racismo, ao feminicídio etc. destruição e morte (Garza, 2019, p. 184).

- **Conhecimentos/Autopráticas Incorporadas:**

Para Donna Haraway (1991), o corpo contém saberes corporificados e, a partir disso, propõe o **conhecimento situado** como um ponto de vista que permite visibilizar as formas plurais de ação, transformação e agência dos corpos, falando da necessidade contemporânea de situar/incorporar/pactuar os problemas sociais. Da mesma forma, como propõe Kate Millet (1970) ao afirmar que **"o pessoal é político"**, podemos situar a pesquisa sobre a importância de abordar os problemas sociais e a violência contra a mulher, indagando do subjetivo ao intersubjetivo, do privado ao público, onde o político também se enraíza nos corpos individuais e atinge o tecido coletivo a ser transformado. Para tanto, emergem categorias emergentes que são descritas a seguir:

- **Acuerpamiento - Incorporação**

O conceito de Corporeidade, que surge de diferentes disciplinas inicialmente da psicologia e da antropologia, permite chegar de forma histórica à noção de *acuerpamiento* como uma tradução para o espanhol, que busca reivindicar o corpo como sujeito pensante, uma vez que não apenas altera a definição de cognição mental a partir de uma separação dualista corpo-mente, mas também a noção de corpo e sua relação ontológica com o mundo. Isso nos permite compreender que, como afirma María Clara Garavito, citando Csordas (2011):

Cultura e conhecimento não é tanto linguagem, mas corpo, prática corporificada. Csordas (1999) aponta que a experiência cultural não deve ser reduzida à linguagem e à representação, pois isso implica uma reafirmação do dualismo que está sendo combatido. Para evitar isso, propõe a noção de corporeidade: um conceito que abriria um novo paradigma para abordar a experiência perceptiva e os modos corporais de presença e relação com o mundo que os sujeitos constroem. Essa noção enfatiza a dialética entre cultura e experiência subjetiva e intersubjetiva, cujo resultado é a recepção da cultura nos corpos de seus membros, bem como a agência dos sujeitos na construção das práticas culturais (Csordas in Garavito, p, 143).

- **Feminismo artístico – o político na arte – ativismos:**

Para a relação entre arte e política, podemos estudar como as ações corporais de mulheres artistas marcaram marcos de visibilidade da violência e rupturas de imaginários em uma ordem global, latino-americana e nacional, onde o corpo é o lugar da enunciação, da denúncia e do ativismo: o **ativismo**, e a partir do qual muitas mulheres intervieram e criaram ações corporais desde os anos 60 e 70 com o surgimento das artes da ação. Como Andrea Giunta aponta

a seguir:

Desde a década de 1960, as mulheres desenvolveram um repertório radicalmente diferente daquele que prevalecia na representação do corpo feminino: setores, substâncias e afetos transformavam poderosamente as iconografias do corpo. Os repertórios femininos ganharam destaque e, ao mesmo tempo, desafiaram o conceito de singularidade biológica e afetiva do corpo. A abertura dos arquivos de uma ampla gama de obras até então marginalizadas deixa claro que elas abriram espaço para uma discussão sobre a emancipação política dos corpos e das subjetividades (Giunta, p. 15).

Nesse sentido, a partir de teorias feministas e de gênero que problematizam o corpo e a noção de conhecimento situado do corpo como palco político das emoções, sensações, experiências, história de vida das mulheres, abordo a relação entre feminismo, arte latino-americana e artes de ação, para a construção de identidades coletivas, investigando, reunindo e caracterizando narrativas corporais aplicáveis ao fortalecimento da liderança e da ação coletiva de mulheres em Bogotá e outros territórios do país.

### **Propostas para a pedagogia dos afetos**

É importante situar essa proposta a partir da virada Corporal proposta por diversos pesquisadores latino-americanos, definindo-a como um ramo de pesquisa que surge da necessidade de centralizar o corpo e as emoções nas ciências sociais e humanas, como apontam Olga Sabido (2019) e Sara Ahmed (2015), sobre a atenção necessária ao corpo e a incorporação das condições nos estudos de gênero.

Isso resulta em desafios teóricos, metodológicos, éticos e políticos. No entanto, levando em conta as contribuições de Cardona Rodas et al (2021) e Rodríguez et al (2020), e Faryna (2006), podemos conceituar uma pedagogia dos afetos a partir da necessidade de expor academicamente uma cartografia das ações corporais que podem ser realizadas em ambientes educativos e coletivos, e, assim, é possível que possam contribuir para um fortalecimento dos grupos de mulheres e dos desafios que emergem dia a dia diante de seu trabalho Diário. Segundo Faryna (2006):

Uma cartografia com os movimentos que se dão em um campo subjetivo, provocados por conjuntos de intensidades. Mapear esses movimentos tem a ver com uma atividade que lhes dê expressão de alguma forma. Uma cartografia não pretende apreender ou imobilizar esses movimentos, mas pensar seus efeitos nos vestígios deixados pelos acontecimentos que os provocaram (Faryna, p. 276).

A pesquisa propõe a construção de novas narrativas corporais e oficinas com as organizações de mulheres que já estão acontecendo mensalmente e passando por diversas ferramentas corporais, de escrita e criativas a partir de um princípio de horizontalidade e do trabalho anterior de práticas coletivas que elas apresentam no interior de seus processos organizativos. Especificamente, no início do processo de pesquisa, nós fizemos um exercício de “*bio-radiografia*” *corporal* que teve como objetivo utilizar a metáfora da corporalidade com similitude a um corpo “pessoal” da organização, tendo órgãos, estruturas ósseas, de respiração e funcionamentos próprios que alguns são mais fracos em relação outros. Nesse sentido, considerando as artes desse corpo vivo, buscamos pontos em comum para fortalecer a confiança, a comunicação e o processos coletivo em geral afixando essas partes do corpo com ferramentas corporais que promovam a união entre as mulheres e seu processo organizativo.

As técnicas específicas que estamos utilizando são: a dança dos cinco ritmos e algumas ferramentas da dança – movimento- terapia, as quais, são aplicadas em cada encontro, dividindo os momentos com a proposta de: fluido-staccato-caos-lírico- e outros exercícios desde a dança movimento terapia como movimento autêntico e livre dos corpos, junto como outros exercícios recolhidos de dança e teatralidade em perspectiva feminista respeitosa pelo conhecimento autobiográfico, a história pessoal, coletiva do processo coletivo anterior.

### Os 5 Ritmos de Gabrielle Roth

A dança dos 5 Ritmos é uma prática de movimento desenvolvida pela bailarina Gabrielle Roth. "Eles se desenvolvem como um mapa simples, mas profundo, que nos ajuda a nos reconectar com nosso eu essencial por meio de nossa própria dança. Uma forma de reouvir a sabedoria inata e sempre acessível do nosso corpo físico. Desbloqueando o que não nos permite desenvolver e encontrar nossa própria coreografia para habitar nosso corpo, expressar nosso coração, libertar nossa mente, seguir nossa alma e incorporar nosso espírito. Um lugar seguro para se exercitar e meditar na mesma respiração, para encontrar um espaço íntimo onde você possa se conectar tão profundamente quanto quiser consigo mesmo e com a comunidade com base nos seguintes elementos e diretrizes."<sup>3</sup>

#### FLUIDO

"No fluxo constante dos meus pés, encontro o caminho nutritivo e receptivo de volta ao meu corpo físico."

#### STACCATO

"As linhas e formas do Staccato me ajudam a expressar a verdade do meu coração claramente."

#### CAOS

"A vibração do Caos me move mais rápido do que posso pensar, me força a

<sup>3</sup> Disponível em: <https://irene5ritmos.com/los-5-ritmos>, <https://www.5rhythms.com/>.



me deixar levar para o desconhecido e deixar o que não preciso mais"

### LÍRICO

"No ritmo leve da Lírica, meus limites e fronteiras se dissolvem, mil novas possibilidades emergem da minha pele e inundam minha alma"

### QUIETUDE

"Quando chego à Quietude, meu corpo se deixa sustentar, em paz, por algo maior do que eu, do que você, até do que nós"

### Terapia do Movimento da Dança (DMT)

Uma disciplina artística que situa o movimento do corpo como um instrumento implícito e expressivo de comunicação, expressão, movimento de caminhada. O DMT é uma troca intersubjetiva que busca a integração emocional, cognitiva, social, física e espiritual e o diálogo coletivo em situações pessoais e coletivas.

"Essa disciplina se baseia no fato de que o movimento reflete os padrões psicoemocionais das pessoas, a partir do foco no corpo em movimento e nos fenômenos não verbais, favorece o trabalho sobre padrões relacionais e de desenvolvimento que surgem desde a primeira infância até a velhice. O movimento, usado em um contexto terapêutico, oferece uma forma de avaliação e tratamento para uma variedade de problemas neurológicos, psicológicos e relacionais; proporcionando oportunidades para pessoas que querem desenvolver seu próprio potencial criativo." <sup>4</sup>

*Extraído de Danza Movimiento Colômbia promovido por María Andrea García*

Com o percurso metodológico enunciado, no qual se somam várias estratégias do movimento, busca-se contribuir para uma **pedagogia dos afetos**:

Uma proposta de pedagogia corpórea implicaria reivindicar a capacidade crítica e mobilizadora dos corpos e de seus sentimentos. A intenção é estabelecer como o corpo e seus sentimentos constituem uma base epistemológica do conhecimento e sua capacidade crítica (...) essas perspectivas também levantam a possibilidade de sustentar uma pedagogia corporificada. Ou seja, uma pedagogia que articula vozes, saberes, sentimentos e críticas aos modos de saber tradicionais, sexistas, classistas e racistas com o corpo e a partir do corpo. Os corpos sentem, e esse sentimento dá sentido ao mundo; portanto, a atenção às emoções, seu desgaste e sua capacidade mobilizadora fazem parte de uma pedagogia corporificada (Sabido, 2019, p. 132).

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.mariaandregarcia.com/danza-movimiento-terapia/>.

---

## Referências bibliográfias

- AHMED, Sara. **La política cultural de las emociones**. México: UNAM, 2015.
- ARIZA, M. La sociología de las emociones como plataforma para la investigación social. En M. Ariza (Coord.), **Emociones, afectos y sociología**. México: UNAM, 2016.
- ARAIZA, Alejandra; DÍAZ, Robert. La Investigación Activista Feminista. Un diálogo metodológico con los movimientos sociales. En EMPIRIA. **Revista de Metodología de Ciencias Sociales**. No. 38 septiembre-diciembre, 2017, pp. 63-84.
- BARRETO, Juanita, Florence, Thomas et al. Grupos, organizaciones y redes de mujeres. En **otras palabras... "Mujeres que escribieron el Siglo XX"** (7). pp. 136-191, 2000.
- CURIEL Pichardo, Ochy. Construyendo metodologías feministas desde el feminismo descolonial. En **Otras formas de (re) conocer**. Reflexiones, herramientas y aplicaciones de la investigación feminista. Bilbao: Hegoa, 2014.
- FARYNA, Cynthia. Arte, cuerpo, subjetividad. **Tesis doctoral**. Universidad de Barcelona: Departament de Teoria i Història de l'Educació, 2005.
- FIGARI, Carlos; SCRIBANO, Adrián (comps.). **Cuerpo(s), subjetividad (es) y conflicto(s)**. Hacia una sociología de los cuerpos y /,as emociones desde Latinoamérica, Buenos Aires, Ciccus/Clacso, 2009.
- GIUNTA, Andrea. **Feminismo y arte latinoamericano**. Historia de artistas que emanciparon el cuerpo. Buenos Aires. Siglo XXI editores, 2018.
- GÓMEZ Grijalva, Dorotea. **Mi cuerpo es un territorio político**. México: Brecha Lésbica, 2014. Disponible em: <https://bit.ly/2UsWxfS>.
- GUTIÉRREZ Cabrera, Ángela Beatriz. **Hacia la recuperación y sanación corporal: elaboración de violencias basada en artes de acción/artes creativas**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2012.
- HARAWAY, Donna. Conocimientos situados: la cuestión científica en el feminismo y el privilegio de la perspectiva parcial. En: **Ciencia, Simios y mujeres. La reinención de la naturaleza**. Madrid: Cátedra, 1995.
- HILDERMAN Cardona-Rodas, et al. **Cartografías corporales y pedagogías performativas en América Latina** / coord. acad. Medellín: Universidad de Medellín, 2021.
- ICAZA Garza, R.A. **Sentipensar los cuerpos cruzados por la diferencia colonial**. En **Tiempos de Muerte. Cuerpos**. Rebeldías, 2019. Resistencias. Disponible em: <http://hdl.handle.net/1765/123652>.

---

KASSELMAN, Susana. **El pensamiento corporal**. Paidós, Barcelona, 1990. Disponível em: <http://anidin.com.ve/wpcontent/uploads/2016/10/Kesselman-Susana.-El-pensamiento-corporal.pdf>. Acesso em: 3 mai. 2018.

LEYVA SOLANO, Xochitl; ICAZA, Rosalba (coords.). **En tiempos de muerte: cuerpos, rebeldías, resistencias**. Buenos Aires y San Cristóbal de Las Casas. Clacso, Cooperativa Editorial Retos, ISS /EUR (Tomo IV), 2019.

MILLET, Kate. **Política sexual**. Madrid: Cátedra, 1970.

MOUFFE, Chantall. **En torno a lo político**. México: Fondo de Cultura económica, 2007.

MUÑIZ, Elsa (coord.). **La historia cultural del cuerpo humano en Registros corporales**. Serie de memorias. Biblioteca de Ciencias Sociales y Humanidades. México: UAM, 2008.

PISANO, Margarita. **Un cierto desparpajo**. Santiago: Ediciones Número Crítico, 1996.

QUINTANA, Laura. **Política de los cuerpos**. Emancipaciones desde y más allá de Jacques Rancière. Barcelona: Herder, 2020.

RODRIGUEZ, R. P.; COSTA MARQUES, S.; PASERO BROZOVICH, V. (coord.) **Corpobiografías de sanación**. Buenos Aires, 2020. Disponível em: <https://www.teseopress.com/corpobiografias>.

SABIDO Ramos, O.. El sentido del sentido del cuerpo. O. Sabido Ramos (Coord.), **Los sentidos del cuerpo: un giro sensorial en la investigación social y los estudios de género**, 2019.

SILVA, Lurduy, J. **Del cuerpo poético al cuerpo político**. Bogotá: Universidad Santo Tomás, 2017.